



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRÔNICA

Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

Letrônica, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 1-18, jan.-dez. 2024

e-ISSN: 1984-4301

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2024.1.46101>

DOSSIÊ: CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIA EM DIFERENTES AMBIENTES DE INTERAÇÃO

“Que a paz esteja convosco”: breve arqueogenealogia do paradoxo cristianismo / violência nas redes digitais

“Peace be with you”: Brief Archaeogenealogy of the Christianity / Violence Paradox on Digital Networks

“La paz sea con vosotros”: breve arqueogenealogía de la paradoja cristianismo / violencia en las redes digitales

Douglas de Oliveira Domingos¹

orcid.org/0000-0002-2897-1883
douglasdeoliveira55@gmail.com

Laurênia Souto Sales¹

orcid.org/0000-0002-7462-9755
laureniasouto@gmail.com

Recebido em: 01 maio 2024.

Aprovado em: 08 out. 2024.

Publicado em: 18 dez. 2024.

Resumo: Os discursos armamentistas, têm sido frequentemente veiculados por sujeitos que se dizem cristãos nas redes digitais. Essa prática, no entanto, parece apresentar incoerência de ideias ao associar o cristianismo e a violência como se eles não fossem paradoxais. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar, à luz dos estudos discursivos foucaultianos, enunciados que materializam relações de saber, poder e resistência no que concerne à contradição entre cristianismo e violência nas redes digitais. Nossa análise enfatiza os conceitos de saber, poder, resistência, e os princípios de formulação e controle dos discursos. Além disso, situamos os enunciados em uma teia dispersa e difusa que se constitui nas descontinuidades e rupturas da história. Dialogamos, ainda, com alguns teóricos das Ciências das Religiões, como Armstrong (2009) e Boff (1980, 2009), a fim de compreender os processos teológicos que se relacionam aos discursos disseminados. Percebemos que, embora tenham objetivos opostos e haja particularidades em seu funcionamento enunciativo, os discursos armamentistas e os contradiscursos de resistência compartilham algumas semelhanças em suas estratégias de poder.

Palavras-chave: análise do discurso; cristianismo; estudos discursivos foucaultianos; fanatismo religioso; violência.

Abstract: Arms discourses, have frequently been disseminated by individuals who claim to be Christians on digital networks. This practice, however, seems to present an incoherence of ideas, associating Christianity and violence as if they were not paradoxical. In this sense, our objective is to analyze, in the light of Foucauldian Discursive Studies, statements that materialize relationships of knowledge, power and resistance regarding the contradiction between Christianity and violence on digital networks. Our analysis emphasizes the concepts of knowledge, power, resistance, and the principles of formulation and control of discourses. Furthermore, we place the statements in a dispersed and diffuse web that constitutes the discontinuities and ruptures of history. We also dialogue with some theorists of the Sciences of Religions, such as Armstrong (2009) and Boff (1980, 2009), in order to understand the theological processes that are related to disseminated discourses. We realize that, although they have opposing objectives and there are particularities in their enunciative functioning, armaments discourses and counter-discourses of resistance share some similarities in their power strategies.

Keywords: Discourse Analysis; Christianity; Foucauldian Discursive Studies; Religious Fanaticism; Violence.

Resumen: Los discursos sobre las armas, han sido difundidos con frecuencia por personas que dicen ser cristianos en las redes digitales. Esta práctica, sin embargo, parece presentar una incoherencia de ideas, asociando cristianismo y violencia como si no fueran paradójicos. En este sentido, nuestro objetivo es analizar, a la luz de los estudios discursivos foucaultianos, enunciados que materializan



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil.

relaciones de conocimiento, poder y resistencia frente a la contradicción entre cristianismo y violencia en las redes digitales. Nuestro análisis enfatiza los conceptos de conocimiento, poder, resistencia y los principios de formulación y control de los discursos. Además, ubicamos los enunciados en una red dispersa y difusa que constituye las discontinuidades y rupturas de la historia. También dialogamos con algunos teóricos de las Ciencias de las Religiones, como Armstrong (2009) y Boff (1980, 2009), con el fin de comprender los procesos teológicos que se relacionan con los discursos difundidos. Nos damos cuenta de que, si bien tienen objetivos opuestos y existen particularidades en su funcionamiento enunciativo, los discursos armamentistas y los contradiscursos de resistencia comparten algunas similitudes en sus estrategias de poder.

Palabras clave: análisis del discurso; cristiandad; estudios discursivos foucaultianos; fanatismo religioso; violencia.

Introdução

Na última década, no contexto social e tecnológico, as redes digitais têm aportado, em meio à pluralidade de conteúdos nela veiculados, enunciados em que sujeitos cristãos propagam discursos de preconceito, intolerância, incitação à violência e desrespeito à ciência. Alguns adeptos da religião majoritária do Brasil se aliam, por exemplo, ao discurso armamentista, construindo enunciados como a publicação a seguir, veiculada no Instagram.

Figura 1 – Post de criança segurando arma de brinquedo



Fonte: *printscreen* feito pelos autores (2021). Disponível em: <https://acesse.one/q4SE3>. Acesso em: 18 fev. 2021.

Embora essa postagem seja pública, faz-se prudente preservar a identidade da criança em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à própria dignidade da pessoa humana. Na legenda, não inclusa totalmente na figura, a usuária declara que seu filho, representado na foto, “[...] não sabe o que é feminismo ou machismo, mas sabe que, como criatura que detém mais força física, é sua obrigação ajudar os mais fracos e necessitados. Assim, cria-se uma criança forte e

um homem que está disposto a dar sua vida por Deus, pela Pátria e pela Família”. Vale destacar que a conta do Instagram da usuária foi excluída em 2020, por ela ou pela rede social, após outras postagens polêmicas.

O diálogo entre o enunciado verbal e o não verbal materializa o discurso que se opõe a ideias defendidas por representantes de diferentes tradições religiosas, a exemplo do Papa Francisco, atual líder da Igreja Católica, que já se posicionou sobre essa temática em sua conta no X, outrora Twitter. Em abril de 2018, o pontífice publicou a

seguinte mensagem: "Nós realmente queremos a paz? Então, vamos banir as armas para não ter que viver no medo da guerra". Por se opor às políticas armamentistas, ele é criticado por alguns dos próprios fiéis católicos (Papa Francisco [...], 2018).

Em reação aos enunciados que expõem o paradoxo entre cristianismo e violência, emergem contradiscursos de resistência que utilizam, por vezes, construções intertextuais de ironia, a exemplo da publicação a seguir na rede social X. A legenda traça uma relação interdiscursiva

entre religião, sexualidade e armamentismo, principalmente no que tange a um acontecimento específico, em março de 2021, quando o Vaticano proibiu a bênção católica da união homossexual, em virtude de esta não se constituir como um ideal de matrimônio (Com aval [...], 2021). Tempos depois, em dezembro de 2023, o Papa Francisco aprovou um documento permitindo a bênção, a qual não deve ser confundida com o sacramento do matrimônio (Paixão, 2023).

Figura 2 – Post no X contra discurso armamentista



Fonte: *printscreen* feito pelos autores (2021). Disponível em: <https://twitter.com/brunohanna/status/1374671363475173378>. Acesso em: 18 abr. 2024.

Assim como esse internauta assumiu um posicionamento crítico diante da violência física e simbólica incentivada por alguns religiosos, muitos outros o fazem, inclusive personalidades bastante conhecidas na esfera cristã, como o pastor e deputado federal Henrique Vieira. Tais sujeitos desenvolvem práticas que estabelecem embates discursivos com o conservadorismo extremista, repercutem nas redes digitais e serão

analisadas neste artigo.

Nesse sentido, algumas questões provocaram uma inquietação que nos impulsionou a realizar este empreendimento de análise discursiva. Entre elas, duas se destacam: *que acontecimentos discursivos sustentam e possibilitam a emergência de enunciados e práticas de violência física e simbólica atrelados ao cristianismo? Que estratégias linguístico-discursivas são utilizadas em outros enunciados que visam a combater discursos fanáticos?*

A fim de tentar responder a tais inquietações, buscamos *analisar, à luz dos estudos discursivos foucaultianos, enunciados que materializam relações de saber, poder e resistência no que concerne à contradição entre cristianismo e violência nas redes digitais.*

Pensamos com Michel Foucault de maneira arqueogenealógica. Isso significa que nos dedicamos, simultaneamente, a dois processos de análise que se entrecruzam nos estudos discursivos foucaultianos: a arqueologia (ou escavação) da história, dos discursos e dos saberes que constituem as condições de possibilidade de enunciados como os supracitados; e a genealogia (ou insurgência) das relações de poder e resistência que se entremeiam a esses enunciados e acarretam consequências concretas na sociedade. Tais relações, validadas pelos discursos que permeiam os sujeitos, concretizam-se em práticas cotidianas de disputas, embates e silenciamentos espalhadas por toda a malha social.

Para efetivar tal análise, remontamos a algumas práticas paradoxais dos adeptos do cristianismo que se modificaram ao longo dos séculos, mas, mesmo assim, mantiveram e legitimaram discursos de violência ou de desrespeito à alteridade humana. Exemplos são os tribunais inquisitórios da Idade Média, a noção de "guerra justa" e a aculturação dos indígenas no Brasil (Armstrong, 2009). As práticas discursivas constitutivas desses movimentos históricos e políticos retornam sob diferentes condições de possibilidade, relacionando-se com os embates de poder da atualidade e se materializando nos enunciados digitais. Em seguida, em diálogo com os contradiscursos de resistência veiculados na internet, recorremos à teologia da libertação e apresentamos o resgate do pensamento de Jesus Cristo feito por sujeitos que se opõem à violência e ao armamento da sociedade civil (Boff, 1980).

É relevante destacar que a análise discursiva dos enunciados digitais se insere em todo esse debate de maneira simultânea, uma vez que eles são constituídos intrinsecamente por uma história que, para Foucault (2000), é descontínua. Essa noção implica a compreensão de que o

presente é resultado do permanente movimento de rupturas, atualizações e retornos que não acontecem ao acaso, mas segundo uma ordem discursiva pautada em relações de saber, poder e resistência.

1 A produtividade analítica dos estudos discursivos foucaultianos

Ao propor uma significação própria aos conceitos, dentre outros, de discurso, enunciado, formação discursiva, performance verbal, *a priori* histórico, práticas discursivas e arquivo, Foucault se aproxima dos estudos da linguagem, atrelando a essas categorias analíticas a noção das condições históricas descontínuas que possibilitam a constituição de um sistema de dispersão discursiva, do qual emergem objetos, posições subjetivas, conceitos e escolhas estratégicas. Afinal, como dizem Deleuze e Guattari (1995, p. 12), "a linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer".

Gregolin (2006), uma das pesquisadoras pioneiras na interação entre linguagem e discurso sob a perspectiva foucaultiana, estabelece três épocas do autor, embora ele não tenha delimitado especificamente essas fases. Para tanto, ela se baseia na entrevista *O sujeito e o poder*, concedida por Foucault (1995) a Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Nela, o filósofo diz que seu objetivo não era estudar o poder em si, mas o sujeito e como este se constitui através da correlação de forças produzidas na sociedade. Desse modo, lidou com "três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos" (Foucault, 1995, p. 231). Com base nesses três modos de objetivação, delineiam-se três fases de investigação sobre o sujeito: a **arqueológica** (ser-saber), a **genealógica** (ser-poder) e a ética e estética da existência (ser-si).

Embora, na prática, esses três modos de objetivação estejam atrelados, tomamos uma decisão metodológica nesta pesquisa: enfatizar a arqueogenealogia, ou seja, as relações de saber, poder e resistência. Para que tal decisão se torne mais compreensível ao leitor, é necessário explicarmos

em que consistem tais relações e como elas se concretizam em nossa sociedade.

1.1 A arqueogenealogia: relações de saber, poder e resistência

Toda prática de poder se baseia em formulações de saber. Essa máxima é determinante para entender, sob a perspectiva foucaultiana, como se organizam as relações sociais. Para Foucault (2014, p. 31), "não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder".

Essa associação intrínseca é bastante perceptível no tocante à religião como uma das tantas organizações da sociedade que se pautam em "um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas" (Foucault, 2017, p. 364). Os comportamentos, as falas e até mesmo os pensamentos de adeptos do cristianismo ou de qualquer outra religião são moldados de acordo com documentos consagrados, enunciados canônicos e práticas discursivas que se materializam, na atualidade, em eventos de espiritualização, como cultos, missas, retiros e grupos de oração, em conversas do cotidiano e em *posts* nas redes sociais.

No que concerne à nossa análise, a Bíblia é considerada a principal fonte de saber que legitima o exercício dos poderes no cristianismo. Apesar disso, seu funcionamento discursivo se circunscreve no conjunto heterogêneo da religião. As diversas interpretações e releituras de passagens bíblicas, feitas ao longo dos séculos no Ocidente por lideranças católicas e protestantes, também são formulações de saber que instauram relações de poder (Brown, 2007).

Tomando a Bíblia e outros livros da tradição cristã como enunciados que direcionam os pensamentos e as práticas dos sujeitos, convém

indagarmos sobre suas condições de emergência e possibilidade. Uma das perguntas mais caras ao empreendimento foucaultiano é a seguinte: que condições permitiram a insurgência singular de determinados enunciados e não de outros em seu lugar (Foucault, 2010)? As condições às quais Foucault se refere são sociais, visto que ele compreende a linguagem como uma materialidade constitutivamente histórica. Sob essa ótica, a aleatoriedade e o acaso não existem. O que há é uma rede dispersa de enunciados à espera de condições específicas que tornem o seu aparecimento propício e produtivo.

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo; ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (Foucault, 2010, p. 112).

Dessa maneira também ocorre com publicações e comentários nas redes digitais que atrelam o cristianismo à posse e ao porte de armas de fogo. A emergência desses enunciados contemporâneos tem uma relação de interdependência não só com saberes constituídos ao longo dos séculos e com condições históricas próprias da atualidade mas também com uma multiplicidade de enunciados com os quais convergem e dos quais divergem.

Nesse sentido, é pertinente nos reportarmos à obra *A ordem do discurso*, que tem um papel crucial no desenvolvimento das ideias arqueogeneológicas de Michel Foucault (1996). Nela, o filósofo reflete sobre os processos que promovem o funcionamento das relações de saber-poder. Entre eles, é importante tratar dos princípios internos e externos de formulação e controle dos discursos. Tais princípios, apresentados a seguir, serão retomados na análise dos enunciados digitais que compõem nosso *corpus*.

Princípios internos (rarefação dos discursos)	Princípios externos (limitação dos discursos)
Comentário Autor Disciplina	Interdição Vontade de verdade Segregação da loucura

Fonte: elaborado pelos autores com base em Foucault (1996).

A *rarefação dos discursos* consiste em um conjunto de procedimentos que visa à classificação, ordenação e distribuição dos enunciados de acordo com seu funcionamento interno.

O princípio do *comentário* se refere à noção de que não há originalidade nos discursos, mesmo que eles sejam contemporâneos. Toda prática discursiva se baseia em algo que já foi materializado em algum momento da história. O comentário, então, é a repetibilidade desses discursos, sua retomada e até mesmo sua resignificação de acordo com as condições de emergência dos enunciados que os veiculam. É o jogo de permanências e impermanências, de referências trazidas para o presente com recortes que obedecem a uma dinâmica de interesses sócio-históricos. Para Foucault (1996, p. 26), "o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta".

Já o princípio do *autor*, que também é definido pelo filósofo como uma *função*, destaca-se pelo "agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência" (Foucault, 1996, p. 26). Esse princípio de rarefação não se refere meramente ao indivíduo empírico que escreveu ou publicou uma obra, mas ao conjunto de discursos que convergem em razão de certas similaridades e também à autoridade conferida a uma posição ocupada por determinado sujeito. A escrita da Bíblia, por exemplo, é atribuída a diversas pessoas. Entretanto, uma mesma função-autor perpassa todos os enunciados ali reunidos, o que permite identificar com certa facilidade quais discursos são aceitáveis e quais são inaceitáveis nessa obra e nas que dela derivam.

O terceiro princípio de rarefação é o da *disciplina*. Ele diz respeito a "um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um *corpus* de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e

de definições, de técnicas e de instrumentos" (Foucault, 1996, p. 30). Nesse sentido, para que um enunciado seja considerado pertinente em determinada disciplina (como a gramática, a medicina ou o direito), é necessário que ele obedeça aos domínios de saber nela constituídos. De fato, qualquer pessoa pode formular teorias coerentes e produtivas; porém, se forem submetidas ao crivo da comunidade científica, por exemplo, precisarão ter fundamentação em outros estudos e pesquisas devidamente reconhecidos pela disciplina com a qual as teorias formuladas dialogam.

Sigamos, agora, para os princípios externos de formulação e controle dos discursos, que concernem à sua limitação. Foucault (1996) também chama esses princípios de *procedimentos de exclusão*.

O procedimento da *interdição* é o mais evidente e familiar, segundo Foucault. Em todos os domínios da sociedade, há discursos cuja veiculação está submetida a regras que os restringem e limitam. À interdição, deve-se este princípio: "não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa" (Foucault, 1996, p. 9). Sob essa perspectiva, o verbo *poder* não se refere a uma noção de possibilidade real, mas, sim, a uma de possibilidade discursiva. Em outras palavras, em uma missa ou em um culto protestante, certo fiel pode até interromper o padre e discordar da sua pregação; contudo, provavelmente ele sofrerá sanções por ter desrespeitado as regras da instituição religiosa e do rito construído por ela. Sua prática discursiva também seria descredibilizada devido à posição que ocupa naquele momento: que autoridade esse sujeito teria para se pronunciar e divergir do "presidente da celebração"?

No que tange à *segregação da loucura*, Foucault assevera que a dicotomia razão/loucura reveste aqueles que são considerados "loucos" de uma aura de "desrazão". Dessa forma, há uma descrença quanto à sua função na sociedade, geralmente relegada à invisibilidade, ao descrédito, à zombaria. "Pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato [...]" (Foucault, 1996, p. 11). Na Idade Média, por exemplo, durante o período inquisitório, muitas mulheres que tinham pensamentos e práticas diferentes dos exaltados pela Igreja Católica foram tachadas de bruxas, o que acarretou exclusões, perseguições e condenações (Federici, 2019).

Por fim, há o princípio da *vontade de verdade*. Para o pensador francês, cada época tem suas ideias verdadeiras, erguidas pelos discursos cuja ordem encontra, na aceitação da sociedade e das instituições, seu respaldo e sua credibilidade. A vontade de verdade apoia-se em um suporte institucional: "é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas [...], pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e, de certo modo, atribuído" (Foucault, 1996, p. 17). Sob essa perspectiva, é mais fácil entender o que levou cientistas como Galileu Galilei a terem suas formulações teóricas descartadas pela Igreja Católica, já que suas ideias digladiavam com o "verdadeiro da época". Em oposição a esse momento, as concepções que descrevem a Terra como plana não são aceitas na contemporaneidade, uma vez que o "verdadeiro" desta época é outro.

A essa conjuntura de poder, opõem-se as resistências, sem as quais a história não avançaria. Inspirado em Foucault, Machado (2017, p. 18) assevera que, "como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social". Os postulados foucaultianos versam sobre poderes descentralizados que atuam na sociedade de maneira microfísica, em acontecimentos singulares

do cotidiano. Obviamente, as instituições têm um papel importante na formulação e no controle dos discursos. Entretanto, a materialização da sua força ocorre a partir da adesão dos sujeitos às suas verdades e das práticas discursivas deles em interação efetiva com outros sujeitos. Assim, na malha da sociedade, estabelecem-se relações de poder e resistência que circundam e constituem os indivíduos nos seus diálogos diários, nas suas experiências históricas.

Após as exposições conceituais dos princípios de formulação e controle dos discursos, convém refletirmos brevemente sobre a descontinuidade da história antes de iniciarmos as análises dos enunciados digitais que pautam o paradoxo *cristianismo / violência*.

1.2 Rupturas e descontinuidades da história

Para Michel Foucault, a história é marcada por rupturas e descontinuidades, as quais possibilitam que acontecimentos supostamente superados no passado retornem com potência no presente. O filósofo se baseia em historiadores como Jacques Le Goff, Michel de Certeau, Pierre Nora e Phillipe Ariès, que, por sua vez, beberam da fonte de Lucien Febvre e Marc Bloch. Esses estudiosos construíram, entre 1910 e 1920, o conceito de *Nova História*, em contraponto à historiografia tradicional francesa que costumava analisar os acontecimentos sob uma perspectiva linear, tradicional, causal e hegemônica. De acordo com Burke (1991, p. 12), a *Nova História* se pautava em três pilares:

Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas a história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social e tantas outras.

Sob essa ótica, Foucault pontua o conceito de *acontecimento* como nuclear em uma história formada por séries descontinuas que se dispersam, retornam e rompem. Ele se interessa não

tanto pelos grandes feitos políticos dos que governavam as sociedades, mas pelos movimentos do povo, em práticas microfísicas de resistência que tensionavam sistemas hegemônicos. Assim, o olhar dos estudos discursivos foucaultianos se volta para "o estrato de acontecimentos difusos, 'atmosféricos', policéfalos que, afinal, determinam, e profundamente, a história do mundo" (Foucault, 2000, p. 292).

Se não houvesse descontinuidade na história, nos enunciados-acontecimentos que veiculam os discursos, provavelmente não cometeríamos erros semelhantes aos do passado, nem teríamos pensamentos similares àqueles que, sob uma análise histórica de linearidades e causalidades contínuas, repousam apenas em livros e documentos. A tarefa da arqueogenealogia foucaultiana é investigar as condições de existência do discurso na concretude dos enunciados efetivamente realizados, das relações que estabelecem entre si no curso da história.

Na análise dos enunciados digitais que discursivizam o paradoxo *cristianismo / violência*, perscrutamos os nós da história que amarram o passado ao presente. Esses nós materializam a noção de que a história não se constitui de evoluções, mas de rupturas, intersecções, atu-

alizações e mudanças descontínuas.

2 Breve arqueogenealogia do paradoxo *cristianismo / violência*

Que acontecimentos discursivos sustentam e possibilitam a emergência de enunciados e práticas de violência física e simbólica atrelados ao cristianismo? Essa é uma das questões que norteiam nossa reflexão. Nesta seção, lançamos luz sobre esses acontecimentos, em uma análise descritivo-interpretativa de publicações veiculadas em redes sociais.

A Bíblia, como instrumento de fé e, ao mesmo tempo, formulação de saber baseada em princípios de controle dos discursos por parte das instituições religiosas, reúne alguns enunciados que respaldam pensamentos e práticas relacionados à violência. Vale salientar que tais enunciados se localizam principalmente no Antigo Testamento. Entretanto, sua disseminação, por vezes descontextualizada, em determinadas igrejas e círculos religiosos, ainda não é tão antiga. Pelo contrário, ela se atualiza de acordo com os propósitos políticos que servem às relações de poder do presente (Armstrong, 2009). Observemos o *post* seguinte, veiculado no X.

Figura 3 – *Post* em defesa do armamento com base no Antigo Testamento



Fonte: *printscreen* feito pelos autores (2024). Disponível em: <https://twitter.com/ViddaBR/status/1537671381038551041/photo/1>. Acesso em: 18 abr. 2024.

"Êxodo" é o segundo livro do Antigo Testamento. Os cinco primeiros livros da Bíblia formam

a Torá, que é a lei de Moisés e o principal direcionamento do judaísmo. Isso não significa

que o cristianismo os descarta, mas, sim, que os acolhe em diálogo com o Novo Testamento, em virtude de, para os cristãos, Jesus ter cumprido a lei de Moisés e instituído uma nova lei, conforme escreve o apóstolo Paulo na carta aos gálatas:

Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se. De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio (Bíblia, 2014, p. 1422).

Mesmo assim, alguns líderes religiosos contemporâneos interpretam – certamente com propósitos pouquíssimos ingênuos – passagens

como a veiculada na publicação da usuária do X sem contextualizá-las e inseri-las na época em que foram formuladas. Recorrem, pois, à teologia do domínio (ou dominionismo), que postula “uma política exclusivamente religiosa, de base bíblica, a ser aplicada em toda a humanidade com a exclusão de qualquer outra expressão, tida como falsa e, por isso, sem direito de existir” (Boff, 2024).

Essa teologia, nascida na década de 1970 nos Estados Unidos, inspira-se no calvinismo, movimento protestante liderado por João Calvino que instaurou, em Genebra, no século XVI, um governo religioso ultraconservador, rigoroso e até mesmo violento, o qual chegou a aplicar a pena de morte. Tal movimento se espalhou por vários países da Europa Ocidental e ressoa até a atualidade. De acordo com Boff (2024), a adesão

ao reconstrucionismo cristão calvinista, refletido na teologia do domínio, não se restringe aos protestantes, mas também abrange integralistas católicos.

Ainda que não declarem explicitamente apoio às ideias do dominionismo ou nem mesmo as conheçam como tal, muitos cristãos fanáticos reproduzem os discursos vinculados a esses ideais para defender seus interesses políticos ou manifestar seus preconceitos (Boff, 2009). De toda forma, como reflete Foucault, as relações de poder se sustentam em campos de saber, materializados na própria teologia do domínio e nas passagens bíblicas, a fim de controlar os discursos veiculados na sociedade. Nesse sentido, o princípio de rarefação discursiva do comentário atrela as opiniões pessoais sobre o uso de armas de fogo para a autodefesa a enunciados do Antigo Testamento, por meio de recortes de trechos específicos que garantiriam a confluência com ideais conservadores e violentos. Afinal, será que os interesses pela liberação da posse e do porte de armas se limitam à autodefesa dos cidadãos?

Talvez a postagem do então vereador eleito de Belo Horizonte, Nikolas Ferreira, possa responder a essa pergunta. No vídeo, publicado em 2020, o atual deputado federal exhibe um fuzil, “presentinho de Natal” de um amigo. A ironia é que o armamento não é nada diminutivo. Parece, de fato, um robusto item de segurança, mais robusto até do que o recomendável para uma situação de defesa pessoal ou patrimonial.

Figura 4 — Nikolas Ferreira exibindo um fuzil



Fonte: *printscreens* feitos pelos autores (2024). Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/vereador-eleito-de-bh-exibe-fuzil-e-sugere-arma-como-presente-de-natal-1.2428318>. Acesso em: 18 abr. 2024.

Com uma música instrumental natalina ao fundo, Nikolas abre a caixa do fuzil e o coloca nos braços, dizendo:

Já imaginou ganhar de Natal nada mais, nada menos que ó... Dá uma olhada aqui, ó! Um fuzil, meu parceiro! Aqui, ó! Meu parceiro acabou de receber aqui, ó! Em casa... Essa aqui é qual? [...] Olha isso aqui, ó! Graças ao governo Bolsonaro, você pode receber de presentinho de Natal... Aqui, ó: o carregador, tá tudo certinho, registrada. Isso aqui não veio lá da favela, nem nada. Isso aqui é tudo com documento certinho. Isso aqui é o que o governo Bolsonaro tá fazendo aqui por nós porque o preço da nossa liberdade é a nossa eterna vigilância. E a única coisa que para um homem mau com uma arma é um homem bom com uma arma. Tamo junto!

O paradoxo *cristianismo / violência* se expressa no vídeo na contradição entre a data em que se comemora o nascimento de Jesus e a valorização

de um objeto que pode ferir mortalmente. A fala de Nikolas se opõe, portanto, a um dos trechos bíblicos mais comuns no período que a Igreja Católica denomina Advento: o capítulo nove do livro do profeta Isaías, cujo versículo seis afirma que "[...] um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz" (Bíblia, 2014, p. 908). Como é possível, ao mesmo tempo, defender os princípios do "príncipe da paz" e louvar a liberação do uso de armas de fogo?

Destaca-se, também, no enunciado produzido por Nikolas, o seguinte trecho: "[...] o preço da nossa liberdade é a nossa eterna vigilância [...]". Tal frase, atribuída ao político irlandês John Philpot Curran, alertava os cidadãos para a necessidade de fiscalizar os representantes da população nos três poderes, a fim de impedir posturas autoritárias e garantir a manutenção da democracia. Entretanto, esse pensamento é ressignificado sob a perspectiva do princípio do comentário, enquadrando-se em uma nova disciplina: a política de extrema direita. A liberdade não é mais a democrática e a vigilância se transforma em incitação à violência. Conforme declaram Reimão *et al.* (2023, p. 49),

[...] a cultura autoritária da vigilância e da perseguição ao diferente [...] incentivou um imenso número de ações realizadas por cidadãos comuns que passaram a achar que poderiam assim agir pois estariam em consonância com as posturas do governo de extrema direita.

Processo semelhante acontece com o trecho "a única coisa que para um homem mau com uma arma é um homem bom com uma arma". Esse enunciado foi utilizado em 2012 por Wayne LaPierre, vice-presidente executivo da National Rifle Association (NRA), durante um discurso após o tiroteio na escola de Sandy Hook, para defender o armamento de civis com vistas ao impedimento de massacres como o ocorrido naquela instituição e em outras unidades educativas dos Estados Unidos (EUA [...], 2012). O funcionamento discursivo de tal enunciado sugere que a solução para a violência é mais violência, desde que esta seja comprovadamente planejada e executada por "homem bom". Ou seja, além de se impor uma lógica de segurança que normaliza e naturaliza o uso de armas como mecanismo de controle social, toma-se base em princípios de moralidade determinados conforme parâmetros específicos, por vezes associados ao pensamento religioso, como constataremos na análise da Figura 5.

Ademais, a fala do então vereador eleito de Belo Horizonte é capaz de surpreender, em certa medida, pela aliança entre cristianismo e violência. Ao analisar o retorno do teológico-político, a filósofa brasileira Marilena Chaui cita acontecimentos que, mundo afora, demonstraram a capacidade da instrumentalização religiosa para atingir determinados objetivos. Ela declara que "nunca houve na história guerra de religião e ninguém pode atribuir os conflitos contemporâneos a causas religiosas – suas causas são econômicas, sociais e políticas – e, no entanto, eles se expressam por meio dos símbolos religiosos" (Chaui, 2004, p. 2).

Para alguns cristãos, a contradição entre religião e violência não é tão paradoxal quanto aparenta. Isso se justifica não somente por interpretações que desconsideram a historicidade de passagens bíblicas. Há alguns movimentos religiosos ocorridos ao longo da história ocidental

que respaldam os discursos de violência; eles construíram a legitimidade da sua brutalidade por meio do argumento da "guerra justa", como se Deus tivesse escolhido os seus e condenado o resto da humanidade à destruição. No *post* a

seguir, o usuário Patriota Cristão menciona dois desses movimentos bélicos, lamentando que os "cristãos de hoje" não sejam tão violentos quanto os do passado.

Figura 5 – Post sobre as Cruzadas



Fonte: *printscreen* feito pelos autores (2024). Disponível em: <https://twitter.com/Patriotocristao/status/1771693357560954996>. Acesso em: 18 abr. 2024.

As Cruzadas e a Guerra Israel-Hamas, embora separadas por séculos, apresentam similaridades nos seus princípios e na sua justificativa: a ocupação dos territórios habitados pelos muçulmanos. A propriedade descontínua da história, tão cara às análises foucaultianas, aparece no enunciado de maneira proeminente. Além disso, os usuários responsáveis pela publicação no X traçam uma linha divisora entre os cristãos conservadores e os "malditos comunistas". Ou seja, aqueles que não apoiam os ataques do Estado de Israel à Palestina ou os que discordam dos procedimentos das Cruzadas, por "sorte", não são interditados de vez pelos "guerreiros justos". Esse termo, inclusive, serve à maioria das narrativas bélicas para convencer a população a defender as decisões que geram violência contra povos de outras nações ou culturas (Elshtain, 2001).

Ao remontarmos às origens do cristianismo, isto é, ao período da Igreja primitiva, quando Pedro, Paulo e outros adeptos das ideias de Jesus

Cristo professaram sua fé pelas comunidades, percebemos que houve uma série de perseguições violentas aos cristãos. Segundo Alvarez (2015, p. 108), durante o governo de Nero,

[...] cristãos foram vestidos com pele de animais e entregues aos cachorros, que os devoraram. Outros tiveram pregos enfiados nas mãos para serem presos às cruzes onde ficaram, ainda vivos, até apodrecer. Por fim, o imperador romano que parecia ter um apreço incomum por incêndios determinou que os seguidores de Cristo fossem queimados vivos – mas só ao anoitecer, porque seus corpos em chamas deveriam servir para iluminar a cidade.

Irônico pensar que, séculos depois, durante a Inquisição, a Igreja Católica promoveria tantas mortes de pessoas que discordassem das suas imposições. O poder dessa instituição religiosa, inclusive para a liderança de "guerras santas", justificadas pelo armamento de "homens bons", encontra sua genealogia ainda no século IV, quando Constantino tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano. Um dos fatores

decisivos para essa atitude institucional foi a vitória do imperador na batalha da ponte Milvia, momento em que seus 40 mil soldados derrotaram 120 mil homens do inimigo Maxêncio. Tal vitória, segundo Constantino, teria sido inspirada por Cristo, o que respaldaria ainda mais sua adesão ao cristianismo (Stephenson, 2009).

A constituição correlata de campos do saber na Igreja também fortalece a ideia de dominação da religião cristã. Para o bispo Agostinho de Hipona (354-430), guerras justas são necessárias para desfazer injustiças, injúrias. O teólogo Tomás de Aquino (1225-1274) e outros juristas da época, a exemplo de Graciano (1140-1142), corroboram esse pensamento. Em uma obra de direito canônico, esse jurista declara que “uma guerra é justa se travada com intenção honesta, sob a direção de uma autoridade legítima e com objetivo defensivo ou de retomar um bem injustamente usurpado” (Demurger, 2002, p. 20). Entretanto, sob uma perspectiva foucaultiana, a produção de autoridades legítimas e os discursos que as constituem podem ser bastante questionáveis e problemáticos.

Ao longo da história, certamente, o discurso religioso arregimentado pelos cristãos fanáticos não está isolado de outras regiões de poder, como se pode perceber já na gênese do cristianismo no contexto imperial de Roma. A defesa da posse e do porte de armas de fogo para a sociedade civil é uma pauta de determinados grupos políticos, sobretudo de extrema direita. Vivemos um momento em que se erguem, principalmente no âmbito jornalístico-midiático, vontades de verdade sobre as falhas na segurança pública e os crimes sangrentos aos quais a população está sujeita. A ideia de ter uma arma é vendida como uma possibilidade eficiente e eficaz de autodefesa diante da inabilidade estatal em conter o avanço da criminalidade, ou, pior, da falta de escrúpulos dos ditos bandidos. Olhando para a história, constata-se que esse pensamento foi vitorioso no plebiscito sobre políticas de desarmamento no Brasil em 2005. Isso demonstra as tensões e os embates de poder na sociedade, os quais retornam ao presente e nele encontram

sua atualidade.

3 Vozes de resistência ao discurso armamentista que evocam os ditos de Cristo

Após analisarmos enunciados que veiculam discursos armamentistas vinculados ao cristianismo, convém direcionarmos esta reflexão a partir da segunda pergunta que constitui o cerne da nossa inquietação intelectual: *que estratégias linguístico-discursivas são utilizadas em outros enunciados que visam a combater discursos fanáticos?*

Primeiramente, é preciso considerar a perspectiva da resposta, suscitada por contradiscursos de resistência. Boa parte dos discursos antiarmamentistas, como o próprio prefixo *anti-* sugere, posicionam-se de maneira oposta aos armamentistas. Ou seja, eles não são criados ao acaso nem iniciam os debates, mas se caracterizam como práticas de resistência – baseadas nos saberes atribuídos a Jesus Cristo – aos poderes que tentam associar a tradição cristã à posse e ao porte de armas de fogo.

O contradiscurso de resistência à violência é constantemente veiculado pelo Papa Francisco em homilias, entrevistas e encíclicas. Em 2023, por ocasião do dia em memória das vítimas da violência baseada na religião ou na crença, o chefe da Igreja Católica, considerado pela tradição religiosa como representante de Jesus na Terra, publicou no X esta mensagem: “Renovo o apelo para que cessem de instrumentalizar as religiões para incitar ao ódio, à violência, ao extremismo e ao fanatismo cego e deixem de usar o nome de Deus para justificar atos de homicídio, de exílio, de terrorismo e de opressão” (Papa: parem [...], 2023). Em uma notícia publicada no *site* da comunidade católica Canção Nova, essa declaração é seguida por trechos do(a) jornalista que a associam à violência contra cristãos em alguns países africanos e asiáticos, embora o Papa não tenha feito essa conexão. Mas, em contrapartida à notícia da Canção Nova, que autocritica os cristãos que vivem em um contexto majoritariamente católico e protestante, principalmente os

fanáticos, podem fazer em relação a opiniões e atitudes incitadoras do ódio?

Se a autocritica não é feita, a crítica certamente o é. Em um vídeo publicado no X, o humorista Tiago Santineli, cujo perfil na rede social se chama ironicamente *deus* – com inicial minúscula mesmo – e o descreve como "pastor da assembleia de deus, militante e ex-comediante", reage a uma publicação do pastor André Valadão. Este, quando perguntado por um seguidor sobre o que achava de as pessoas falarem que Jesus usaria arma se fosse permitido, respondeu o seguinte: "Se Jesus fosse pra uma guerra, se Jesus estivesse no meio de uma batalha, você acha que ele ia estar com o que na mão? Pão?" A essa fala, Tiago Santineli respondeu:

Mano, eu queria pedir uma parada aqui pra vocês, crentes. Por favor, de verdade, de coração... Envia pra mim pelo correio a bíblia que vocês leram. Porque não é possível que a gente leu a mesma bíblia. Não é possível. Na bíblia que eu li, Jesus era, tipo assim, meio contra a guerra, tá ligado? Tanto que se referem a ele como príncipe da paz. Não é príncipe da milícia, príncipe da guerra, príncipe da batalha. É príncipe da paz! Pela bíblia que eu li, Jesus esteve numa situação bem complicada, uma situação ali dos ânimos bem acirrados. Ele foi atacado por soldados. Soldados vieram pra prender ele. E sabe o que ele fez? Nada! Nessa ocasião inclusive, Pedro, que era um dos discípulos de Jesus, puxou uma arma, uma espada, e cortou a orelha de um dos soldados aí que tavam prendendo Jesus. E Jesus fez o quê? Bateu palma? Incentivou Pedro? [...] Na bíblia que eu li, ele ficou puto com Pedro, mandou ele guardar a arma de volta, pegou a orelha do cara que Pedro tinha cortado e colocou no lugar de novo. [...] E agora eu tenho que ver aí vocês querendo meter esse louco aí de que Jesus andaria por aí armado. Eu queria muito que vocês, crentes que pensam isso, se encontrassem com Jesus. Porque ele colocou a orelha do cara de volta. Então provavelmente ele ajudaria vocês a colocar o cérebro de volta na cabeça de vocês. [...] (Santineli, 2022).

Nesse vídeo, o humorista tece uma crítica ao pensamento de André Valadão e, por extensão, ao de protestantes que comungam da mesma ideia, a partir de enunciados que se encontram na Bíblia, a qual constitui, como vimos, uma formulação de saber importante

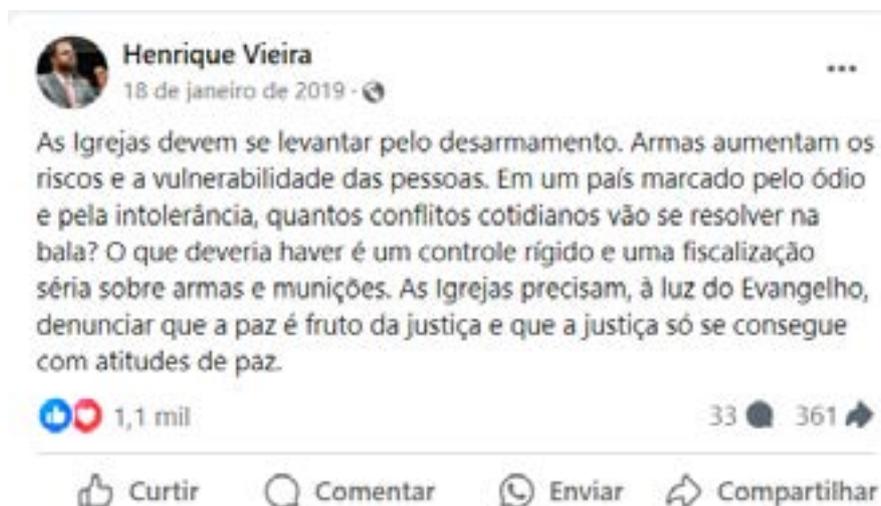
para a legitimação de poderes. Ele cita um acontecimento descrito no Novo Testamento para se opor ao discurso armamentista. Dessa maneira, o mesmo documento que serve para respaldar a violência também é produtivo para denunciá-la. Ele é instrumentalizado de acordo com os discursos mobilizados para o embate e, quer de um lado do debate, quer de outro, funciona como princípio de controle e rarefação, uma vez que o recorte e o destaque de determinados trechos da Bíblia são capazes de mobilizar contradiscursos de resistência e lhes conferir credibilidade por pertencerem à mesma função-ator que perpassa os discursos de fanáticos cristãos apoiadores do armamentismo.

Apesar da recorrência a esse campo do saber, o enunciado de resistência analisado pertence ao discurso humorístico, em razão da posição-sujeito ocupada por Tiago Santineli, que é a de humorista. Sob a perspectiva da limitação discursiva, seu posicionamento esbarra no procedimento ao qual Foucault chama *interdição*, que impõe barreiras institucionais aos discursos. Ou seja, para alguns sujeitos, a fala de Santineli só seria validada se ele ocupasse uma posição institucional no âmbito da religião cristã, se fosse pastor, padre ou bispo, por exemplo.

Mesmo com essa limitação para a propagação do contradiscurso de resistência, há pessoas que se atraem pela *performance* de personalidades do entretenimento das redes digitais e, dessa maneira, são afetadas por suas reflexões irônicas e bem-humoradas. Tal aspecto demonstra a dinamicidade do processo discursivo e dos pontos transitórios do poder nas interações sociais.

De maneira semelhante, mas com aporte institucional da posição que ocupa na sociedade, o pastor e deputado federal Henrique Vieira conclama as instituições cristãs a se reunirem em uma campanha contra o armamento da sociedade civil. Vejamos o *post* veiculado em 2019 no Facebook:

Figura 6 – Post do pastor Henrique Vieira



Fonte: *printscreen* feito pelos autores (2024). Disponível em: https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=1961552450609015&id=286055808158696&paipv=0&eav=AfafZ8gwwq57FDAGfu7C-ME_YYgNhwk_MgvVLOWFgr4kO3EZnBlh872dpZbharCPNVQM&_rdr. Acesso em: 18 abr. 2024.

Em poucas palavras, ele reúne argumentos do domínio da segurança pública, do direito e da religião para propor uma atitude política dos cristãos. No contradiscurso de resistência veiculado, Henrique Vieira faz uma associação entre a paz e a justiça, destacando a filiação do seu pensamento ao Evangelho, o que lhe confere credibilidade. Essa associação luta contra a ideia vingativa de justiça como punição e violência, principalmente em referência a contextos cotidianos, nos quais os conflitos não precisam ser resolvidos com força bruta.

Portanto, esse enunciado se choca com um regime de verdade que atrela os direitos humanos à defesa de criminosos, de bandidos e, conseqüentemente, da violência. Para Foucault (2017, p. 16), cada sociedade tem "os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros". Os discursos armamentistas precisam fazer circular, valendo-se do medo da população, da ideia de que há uma ameaça contra a qual os "cidadãos de bem" devem lutar. Para isso, é necessário descredibilizar quaisquer oposições democráticas, aliando-as ao mal.

No enunciado propagado por Henrique Vieira, identificamos a conclamação de uma ação insti-

tucional de combate ao armamento que aponta para a função social das igrejas na promoção dos direitos humanos. Essa visão política da religião é ponto de reflexão da teologia da libertação, movimento que surgiu entre alguns adeptos do catolicismo para propor uma releitura do Evangelho considerando a complexidade dos processos que formam a sociedade. Entre os principais objetivos dessa teologia, que interage com estudos sociológicos como os de Karl Marx, estão a defesa dos grupos marginalizados e o trabalho político-religioso em prol dos mais pobres (Mitidiero Junior, 2008).

De acordo com Boff (1980, p. 215), "não se trata de instrumentalizar a fé e o Evangelho para fins políticos; trata-se de resgatar as dimensões sociais presentes na fé e no Evangelho, muitas vezes encobertas por um tipo intimista e privatizante de compreensão da fé e do Evangelho". Portanto, a publicação de Henrique Vieira conflui com essa perspectiva. Além disso, reitera a visão de Foucault (1996) de que o poder também vem das instituições e nos leva a pensar que as conseqüências dessa força institucional não são necessariamente negativas. Dessa forma, já que são práticas de poder, os contradiscursos de resistência podem utilizar os procedimentos de formulação e de controle dos discursos, valendo-se do aporte institucional e da constituição de

campos de saber, para promover a interdição de enunciados violentos e a instauração de regimes de verdade que contribuam com a paz.

A visão crítica de discursos conservadores e violentos que promovem injustiças sociais também pode ser identificada em uma publicação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)

na Semana Santa de 2024. Impactante e polêmico, o *post* foi excluído pelo próprio MTST dias depois. O movimento alegou que houve uma interpretação equivocada e uma instrumentalização político-partidária do enunciado. Observemos a publicação, disseminada no Instagram:

Figura 7 – Post do MTST na Semana Santa



Fonte: *printscreen* feito pelos autores (2024). Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/pais/mtst-rebate-criticas-apos-postagem-falta-de-interpretacao-1.3495210>.

Acesso em: 21 abr. 2024.

No *post*, ocorre a atualização de um enunciado que repercute há muito tempo na sociedade: "Bandido bom é bandido morto". Em geral, ele tem seu funcionamento circunscrito a uma vontade de verdade que preza pela punição severa aos criminosos, desconsiderando inclusive os direitos humanos. Entretanto, na publicação do MTST, tal enunciado foi deslocado discursivamente. Por meio do princípio do comentário, sofreu uma atualização, a qual transformou os "homens bons" que costumam pronunciá-lo em "homens maus", algozes do próprio Jesus Cristo, já que, quando

o Estado matava os ditos "bandidos" sem um julgamento criterioso, eles seriam responsáveis pelo assassinato de um dos homens mais importantes da história, condenado por blasfemar contra a fé judaica ao se declarar filho de Deus. Essa estratégia, que consiste em produzir significados opostos a enunciados orgulhosamente disseminados por determinados sujeitos, é uma das várias táticas de poder dos contradiscursos de resistência.

Sob uma perspectiva crítica, podemos caracterizar o enunciado como profundamente irônico

e direcionado a cristãos que pregam a “justiça” não pelos frutos da paz, mas pelas armas da violência. Porém, estabelecendo uma analogia com a história de Jesus Cristo, nem todas as pessoas consideradas “bandidas” e “aptas para a morte” de fato o são. A imagem retoma o acontecimento da crucificação do filho de Deus e apresenta os soldados como personagens que zombaram dele. Na Semana Santa, os cristãos relembram esse acontecimento reconhecendo que Jesus fora injustiçado pelas pessoas, notadamente judeus. Portanto, o conjunto – a fotografia, a fala do soldado, a legenda “Boa Sexta-feira Santa!” e a data em que o *post* foi feito – promove um choque no leitor, principalmente nos cristãos que experienciam os ritos desse momento religioso. Estamos diante da materialização de um contradiscurso de resistência que se vale do apelo emocional, do impacto social. Por vezes, essa estratégia não garante o alcance dos objetivos pretendidos, devido aos regimes de verdade que imperam em uma sociedade majoritariamente conservadora. Assim, os discursos hegemônicos atuaram para coibir essa publicação, caracterizando-a como um ataque à religião, revestindo seu posicionamento de nulidade discursiva e provocando a sua interdição. Horas depois, o *post* foi excluído pelo próprio MTST.

Ao evocarmos esse enunciado, buscamos problematizar também a situação de sujeitos contemporâneos que, por sua cor, raça, gênero, classe social ou outros marcadores identitários, são perseguidos. Não nos relacionamos aos criminosos responsáveis por atos bárbaros, mas aos cidadãos marginalizados que são condenados pela sociedade antes mesmo de serem julgados pelos devidos processos legais. Referimo-nos ao teor simplório de repetir que “bandido bom é bandido morto” sem pensar em soluções mais efetivas para combater a violência além de medidas que se valem da própria violência.

A carência de habilidades críticas leva à interpretação de que o MTST estaria chamando Jesus de bandido e comemorando sua morte ou de que teria destinado essa publicação a todos os cristãos. Uma análise discursiva, contu-

do, permite descrever e interpretar, de maneira mais profunda, esse e tantos outros enunciados capazes de denunciar o fanatismo que se alia à violência e gera desastres. Nas relações microfísicas de poder, os enunciados de resistência aos discursos armamentistas veiculados por alguns adeptos do cristianismo mostram que eles não se sustentam no Evangelho de Jesus Cristo e, portanto, são demasiado paradoxais em relação ao amor ágape, aquele que o filho de Deus se dispôs humildemente a ensinar às pessoas.

Considerações finais

Como o amor pode proclamar o ódio? Como a paz se sustenta com a violência? Essas são perguntas subjetivas às quais a nossa exposição teórica e as nossas análises discursivas tentaram responder. Certamente há outros olhares possíveis, capazes de enxergar e interpretar essas dualidades a contento. Mobilizamos conceitos foucaultianos por considerá-los extremamente pertinentes na investigação das condições históricas e sociais que permitiram a emergência dos enunciados digitais reunidos neste artigo. Porém, tanto na linguística quanto em outras áreas do conhecimento, existem estudos produtivos para analisar as relações paradoxais entre cristianismo e violência.

Ao pensarmos com Michel Foucault e seu método arqueogenealógico, encontramos respostas para as seguintes questões: *que acontecimentos discursivos sustentam e possibilitam a emergência de enunciados e práticas de violência física e simbólica atrelados ao cristianismo? Que estratégias linguístico-discursivas são utilizadas em outros enunciados que visam a combater discursos fanáticos?* Quanto à primeira questão, alguns dos acontecimentos discursivos identificados foram os seguintes: a construção e a descontextualização de passagens bíblicas do Antigo Testamento, a institucionalização do cristianismo pelo Império Romano, a constituição de saberes sobre a noção de guerra justa, a aliança entre política e religião ao longo da história. Quanto à segunda questão, entendemos que os contradiscursos de resistência podem se valer de estratégias

semelhantes às dos discursos armamentistas, a exemplo da instrumentalização de trechos bíblicos e do aporte institucional religioso. Ademais, eles utilizam a ironia, o humor, o apelo emocional e social, o deslocamento discursivo como táticas pertinentes.

Os enunciados que veiculam o paradoxo *cristianismo* / violência e os que resistem a eles são incontáveis. Muitos outros, encontrados em nossa pesquisa, não caberiam neste espaço. Alguns ainda insurgirão, uma vez que este tema ressoa com frequência na contemporaneidade. Alguns desaparecerão, pois os sujeitos que os publicaram na internet podem construir para si novas subjetividades. Ou, a depender do teor das palavras e do conteúdo, o *post* pode ser literalmente excluído pelas plataformas digitais, como ocorreu com um dos vídeos que havíamos selecionado previamente, cujo áudio foi retirado pelo TikTok.

Desejamos que as reflexões deste artigo não se restrinjam às discussões acadêmicas, mas que reverberem em conversas cotidianas nos corredores das universidades, nas salas de aula das escolas, nas salas de estar de casa e nos espaços de convivência das igrejas. Nesses lugares, as noções de paz e justiça, contrapostas às de guerra e vingança, podem ser construídas em meio àqueles que não têm acesso a informações mais aprofundadas ou aos que se negam a procurá-las.

É preciso, pois, resistir à aliança entre cristianismo e violência, entendendo as relações de saber-poder que a constituem e tornando-as visíveis sob uma perspectiva crítica. Dessa maneira, pode-se asseverar que os significados dessas duas palavras – *cristianismo* e *violência* – devem ser, nas interações humanas e nos processos decisórios da sociedade, mais do que antagônicos, paradoxais.

Referências

ALVAREZ, Rodrigo. *Maria*: a biografia da mulher que gerou o homem mais importante da história, viveu um inferno, dividiu os cristãos, conquistou meio mundo e é chamada de Mãe de Deus. São Paulo: Globo, 2015.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus*: o fundamentalismo no judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

BOFF, Leonardo. *A teologia do domínio*: refutação de uma falácia. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 12 mar. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/637315-a-teologia-do-dominio-refutacao-de-uma-falacia-artigo-de-leonardo-boff>. Acesso em: 18 abr. 2024.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz*: desafio para o século XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BROWN, Colin. *Filosofia e fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989)*: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1991.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O retorno do teológico-político*: retorno ao republicanismo. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

COM AVAL do Papa, Vaticano proíbe bênção a união gay e classifica homossexualidade como pecado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/com-aval-do-papa-vaticano-proibe-bencao-uniao-gay-classifica-homossexualidade-como-pecado-24925447>. Acesso em: 18 abr. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia 2. Rio de Janeiro: 34, 1995.

DEMURGUER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo*: as ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ELSHTAIN, Jean Bethke. Just War and Humanitarian Intervention. In: The Third Annual Grotius Lecture at The American Society of International Law and The International Legal Studies Program of the American University Washington College of Law. *American University International Law Review*, [s. l.], v. 17, p. 1-33, 2001.

EUA fazem um minuto de silêncio pelas vítimas de massacre escolar. *G1*, Brasil, 21 dez. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/12/eua-fazem-um-minuto-de-silencio-pelas-vitimas-de-massacre-escolar.html>. Acesso em: 27 set. 2024.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas*: da Idade Média aos dias atuais. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. Retornar à história. In: FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento: Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 7-34.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio. *A ação territorial de uma igreja radical: teologia da libertação, luta pela terra e atuação da comissão pastoral da terra no Estado da Paraíba*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PAIXÃO, Mayara. Vaticano aprova bênção a casais do mesmo sexo, mas mantém veto a casamentos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/12/igreja-aprova-bencao-a-casais-homoafetivos-mas-mantem-veto-a-casamentos.shtml>. Acesso em: 18 abr. 2024.

PAPA Francisco pede programas sem armamento e é criticado por brasileiros. *Correio Braziliense*, Brasília, 26 set. 2018. Disponível em: https://www.correio-braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2018/09/26/interna_mundo.708372/papa-francisco-pede-programas-sem-armamento-e-e-criticado.shtml. Acesso em: 10 fev. 2024.

PAPA: parem de usar o nome de Deus para justificar violência e terrorismo. *Canção Nova*, Lorena, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/igreja/papa-parem-de-usar-o-nome-de-deus-para-justificar-violencia-e-terrorismo/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

REIMÃO, Sandra L. Amaral de Assis; NERY, João E.; SILVA, Flamarion M. Pelúcio. *Resistência: leitores, autores, livreiros, editores e censura a livros no Brasil de 2019 a 2022*. São Paulo: USP, 2023.

SANTINELI, Tiago. Publicação no X, 7 ago. 2022. Disponível em: https://twitter.com/AndradeR-Negro2/status/1556310884288430084?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1556310884288430084%7Ctwgr%5E40dc49e5c9093b5a1e53d78107cb-2de9e0db6377%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fjornaldebrasil.com.br%2Fentretenimento%2Fkatia-flavia%2Ftiago-santinel-rebate-video-de-andre-valadao-queria-que-voces-encontrassem-jesus-para-ele-colocar-o-cerebro-na-cabeca-de-voces%2F. Acesso em: 21 abr. 2024.

STEPHENSON, Paul. *Constantine: Unconquered Emperor, Christian Victor*. Londres: Quercus, 2009.

Douglas de Oliveira Domingos

Professor de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB) e na Secretaria de Educação do Município de Cabedelo (SEDUC). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling / CCHLA / UFPB), licenciado em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú / UNAVIDA (2014 - 2017) e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (2015 - 2019).

Laurênia Souto Sales

Professora associada I da Universidade Federal da Paraíba – *Campus IV*. Tem Doutorado em Linguística (2009) pela UFPB, onde também concluiu o Mestrado em Letras (2004). É também professora, na modalidade Educação a Distância, no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFPB Virtual. Desenvolve pesquisas sobre a leitura e a cultura escrita, sob uma perspectiva discursiva, e desenvolve pesquisas vinculadas à Linguística Aplicada, atuando, principalmente, nos seguintes temas: formação docente, ensino-aprendizagem da leitura e da produção textual, estágio supervisionado, letramentos escolares e não escolares. É membro dos grupos de pesquisa Práticas Sociais e Culturais de Leitura e Escrita (CNPQ), Cognição e Ensino (CNPQ), Ciências da Cognição e da Aprendizagem (CNPQ).

Endereço para correspondência

DOUGLAS DE OLIVEIRA DOMINGOS

E. E. F. M. Professor João José da Costa

Avenida Barão de Mamanguape, 199

Torre, 58040-330

João Pessoa, Paraíba, Brasil

LAURÊNIA SOUTO SALES

Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Aplicadas e Educação – *Campus IV*

Rua Escritor José Vieira Centro

Centro, 58000000

Mamanguape, Paraíba, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.